DEL PRIORE, Mary. *O Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d'Eu*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, 320p.

Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik[1]
Doutoranda em História
Universidade Federal do Paraná

● **Enviado em: 14/10/2013**
● **Aprovado em: 06/12/2013**

É cada vez mais evidente o interesse do leitor brasileiro pelas narrativas biográficas que, nos últimos anos, têm conquistado grande número de publicações no mercado editorial. Não são apenas as personagens, suas vidas e os mundos em que elas vivem que atraem a curiosidade dos leitores: estes são seduzidos também por uma escrita acessível e prazerosa que, quanto mais próxima ao estilo literário, melhor. Como aponta Mary del Priore, o curioso é notar que no Brasil "*os historiadores têm pouca visibilidade em comparação aos jornalistas*".[2] Essa diferença seria causada, então, pelo peso da pesquisa documental que aparece em longas notas de rodapé, como também da penosa escrita acadêmica característica do historiador? Mesmo assim, historiadores têm utilizado este procedimento narrativo para desenvolverem seus trabalhos e, na medida do possível, torná-los visíveis a um público não acadêmico.

Percebemos neste contexto que o retorno da biografia no âmbito da história está inserido em um processo de profunda transformação das bases teórico-metodológicas da disciplina. Por consequência, repensar questões clássicas como a relação indivíduo-sociedade e as possíveis formas de narrativas do conhecimento histórico, tornou-se comum no interior de tais problematizações. O resultado disso mostra que os trabalhos biográficos recentes, tal como *O Castelo de Papel,* procuram fugir do viés apologético, considerando suas personagens como excelentes vias de acesso para a compreensão de questões históricas e contextos mais amplos. Paralelamente, as principais discussões incidem também na busca dos limites entre

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR e participante como discente do Núcleo de Estudos de Gênero, UFPR.

[2] DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. In: *Topoi*, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 13.

realidade e ficção. Ou seja, é pertinente interrogar até que ponto o historiador, na falta de dados precisos, pode utilizar as vias da imaginação para suprir uma informação?

É nesse sentido que o livro *O castelo de papel* (2013), de Mary del Priore[3], permite para nós, historiadores, uma instigante reflexão da forma como a pesquisa histórica não é excluída no interior de uma narrativa biográfica que contém traços de escrita coloquial e literária. E de que trata esta história que, em um primeiro momento, poderá atrair mais atenção do público não acadêmico? A história revela a vida conjugal que compreende 25 anos da princesa Isabel e de seu marido, Gastão de Orléans, conde d'Eu. Uma leitura menos atenta poderá considerar que o livro se assemelha a um romance biográfico ou a uma biografia da vida privada do casal. Mas o caminho não é este, pois Mary del Priore mostra estrategicamente a escolha de um importante viés analítico: biografar a vida do casal a partir do modo como eles se relacionam com a política do Estado. Em outras palavras, um dos aspectos significativos deste trabalho é perceber de que maneira a vida conjugal de Isabel e Gastão permitem-nos um olhar sobre a História, em especial, sobre a tumultuada transição do Império para a República.

O gênero biográfico adotado por Mary del Priore contempla uma narrativa de acontecimentos encadeados, com personagens principais e secundários, bem como situações reais e históricas que são demonstradas à luz de documentos oficiais. Estes, por sua vez, configuram um conjunto variado de documentos que pertencem ao Arquivo Histórico do Museu de Petrópolis, ao Archives Génerales du Royaume et Archives de L'État dans les Provinces – Bruxelas, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, finalmente, à Biblioteca Nacional. Apesar da erudição e da densidade da pesquisa documental, o livro é atraente e acessível ao público não acadêmico, pois se realiza com uma estrutura narrativa realista que, como já afirmamos, se aproxima de um estilo romanesco. Porém, há que se considerar que o livro foi escrito a partir da análise crítica de fontes primárias, as quais são destacadas entre aspas e determinantes para a composição da trajetória de vida do casal.

Tanto a dimensão da vida privada de Gastão e Isabel quanto a pública são conhecidas por meio das correspondências escritas por eles e endereçadas aos seus familiares. Já no que diz respeito à compreensão das transformações políticas deste período – como a Guerra do Paraguai, os movimentos abolicionistas e as correntes liberais e antimonárquicas – a autora utiliza um amplo acervo de jornais como *A Semana Illustrada, Jornal do Commercio, A Vida Fluminense, A Reforma, O Mequetrefe,* entre outros documentos da imprensa brasileira. Mas não foram apenas as fontes primárias que Mary del Priore consultou para escrever esta

[3] A saber: DEL PRIORE, Mary. *O Castelo de Papel: uma história de Isabel de Bragança, princesa imperial do Brasil, e Gastão de Orléans, conde d'Eu.* Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

biografia: apesar da ausência de notas de rodapé ou de citações no corpo do texto, a bibliografia da clássica historiografia brasileira sobre o período que abarca o Império brasileiro está implícita na pesquisa e aparece arrolada no final do livro.

Um dos procedimentos narrativos que chamam nossa atenção é o flashback, cujo recurso é muito utilizado na literatura e no cinema. O primeiro capítulo, intitulado *Mudanças de Pele,* descreve momentos importantes e fundamentais na vida de Gastão: suas fracassadas experiências militares na Europa, hesitação diante os objetivos de vida, as negociações familiares que giravam em torno de seu casamento e, por fim, sua vinda ao Brasil. Já pelo ponto de vista da princesa, em 1860, aos 14 anos, Isabel prestou um juramento à Constituição Política do Império. Era declaradamente a sucessora de seu pai e necessitava de um companheiro que a guiasse e aconselhasse nos momentos difíceis. Começaram as negociações do casamento, de forma que a oportunidade de uma aliança era também saída para Gastão, que estava sem projetos para o futuro. Posteriormente, no segundo capítulo, a narrativa retoma uma linearidade que se inicia na infância de Gastão e Isabel, passa pelas cenas do casamento, desdobrando-se, finalmente, na vida conjugal que é relacionada à esfera política.

Uma das questões mais interessantes tratadas no livro é a forma como Mary del Priore representa Isabel, considerando suas experiências no feminino e sua condição especial de futura imperatriz brasileira. Conforme as correspondências escritas pela princesa, fica claro que ela passou grande parte de sua vida dedicando-se à vida privada e a assuntos domésticos e religiosos que lhe eram muito caros. Não é tratada como uma mulher obscura, complexa ou ambígua, pois sua previsibilidade e constância imperam no interior de sua representação. Até a realização de seu casamento com Gastão, teve uma vida enclausurada, pois "*não aparecia em público, não frequentava a vida social da capital, não participava de bailes e jamais foi ao teatro"*.[4] Em suas memórias, Isabel expressou significativo alheamento a respeito das negociações que nortearam seu casamento, insistindo na ideia de que "*seus corações teriam se indicado*".[5] Como afirma a autora, a princesa "*era o retrato acabado da noiva romântica do século XIX*".[6]

No entanto, em relação aos preparativos para a vida pública, desde criança ela recebeu uma educação diferenciada a fim de dirigir o governo constitucional de um Império. Enquanto muitas jovens de elite estudavam somente assuntos que lhe permitissem cumprir o papel de esposa do lar, Isabel aprendeu quinze matérias como política, filosofia, retórica, física, francês,

4 *Ibid.* p. 50.
5 *Idem,* p. 69.
6 *Idem,* p. 69.

história do Brasil, entre outras.[7] Apesar da oportunidade diferenciada, Mary del Priore mostra que a princesa "*não absorvia todos os conteúdos".*[8] Quanto a isso, Gastão dizia abertamente ao pai que a esposa "*estava habituada a nunca ter vontade*".[9] É dessa maneira que ele assumiu plenamente o papel que se esperava de um marido, garantindo autoridade absoluta no lar e no coração da princesa que afirmava gostar mais dele do que dela própria. Sobre isso, nos interessa aqui considerar a cultura e as subjetividades de gênero da época. Isto é, Isabel era uma mulher do seu tempo, pois seguia plenamente a ideia de que deveria ser obediente e fiel ao marido, dando ternura e atenção aos filhos. Para ela, a vida pública pertencia aos homens de modo que a política não lhe interessava. Por isso, não são somente as conjunturas políticas do Império que aparecem nesta biografia, mas também a cultura de gênero e os papéis definidos a homens e mulheres do século XIX, os quais a princesa não fazia questão de superar.

Certamente, uma das questões que chamam a atenção do leitor que está acostumado a pensar na representação da princesa como a "libertadora dos escravos" é justamente o posicionamento alheio de Isabel aos assuntos políticos de seu país, especialmente os movimentos republicanos e antiescravistas. Parecia que a escravidão não tinha nome e rosto para ela, apesar de estar sempre por perto. Mas de que forma Mary del Priore nos mostra a falta de envolvimento da princesa com a luta dos escravos? Pelas próprias cartas de Isabel, nas quais constam citações que fazem alusão aos escravos de maneira muito natural e normal, sem qualquer reflexão ou preocupação com suas reais condições.

São por estas razões que podemos perceber na pesquisa de Mary del Priore a falta de um elemento muito frequente no trabalho do biógrafo: o encantamento ou a admiração por seu biografado. Não é exatamente isso que percebemos no *Castelo de Papel*, pois Isabel não é uma figura histórica que encanta a biógrafa. Lembramos inclusive que Mary del Priore é uma historiadora que organizou a obra *História das Mulheres no Brasil* (2007), sendo conhecida por estudar a condição feminina e o amor, a tal ponto que sua postura analítica das condições e dos papéis sociais de gênero possam ter influenciado em seu julgamento em relação a Isabel. Ademais, a princesa é a antítese da Condessa de Barral,[10] personagem histórica também biografada pela autora e que reúne o obscurantismo e a complexidade da subjetividade de um sujeito, bem como "*o pacto perfeito entre força e feminilidade*".[11]

---

7 *Idem,* p. 45-46.
8 *Idem,* p. 47.
9 *Idem,* p. 69.
10 A saber: DEL PRIORE, Mary. *A Condessa de Barral: a paixão do imperador.* Rio de Janeiro: Objetiva: 2006.
11 *Idem,* p. 47.

Ao contrário de Isabel, Gastão é representado como um sujeito múltiplo em suas ações e pensamentos, lúcido e atento às transformações políticas que ocorriam não somente no Brasil Império como também na Europa do final do século XIX. Por extensão, a autora oferece uma face diferente do que a historiografia convencionalmente tem representado deste personagem histórico. Ela não o descreve como um militar violento que dizimou milhares de inocentes na Guerra do Paraguai, tampouco relata que teve um comportamento autoritário e coercitivo com sua esposa. Pelo contrário, apesar das diferenças de ambos, o casamento foi mantido com muito amor, respeito e cuidado de um para com outro.

Vindo de uma família de aristocratas franceses que lutavam em favor de ideias republicanas e liberais, teve problemas de adaptação no exército espanhol quando jovem e, quando casado, no interior da família real brasileira, enfrentando dificuldades com D. Pedro II e com as ideias monárquicas e escravagistas da época. É interessante notarmos que a biógrafa não o insere dentro de uma construção identitária única e linear: suas facetas são múltiplas e se transformam conforme cada fase de vida e experiências adquiridas. Não é a toa que é possível perceber uma certa predileção por este personagem histórico se comparado à sua esposa.

Mesmo tendo conseguido autorização de D. Pedro II para lutar no fim da Guerra do Paraguai, sua participação nos trâmites políticos foi irrisória e interditada pelo sogro. Afinal, Gastão representava as temidas "ideias revolucionárias" e desde então ficou marcado negativamente pelas correntes reacionárias. A comunicação entre o genro e o sogro era pouca ou nenhuma e cada vez mais "*Gastão começou a conhecer a fase cinzenta de D. Pedro II*". É dessa maneira que o imperador aparece como um personagem secundário na biografia, mas não menos importante, de modo que sua faceta não é formulada diretamente pela biógrafa, mas sim por Gastão, através de suas inúmeras cartas enviadas ao pai. É o olhar de Gastão sobre o imperador e especialmente sua atuação de governador num importante movimento de transição política. Notadamente D. Pedro II é descrito pelo sogro como um homem soturno, enigmático e sombrio de modo que a trajetória de vida do casal foi construída pela presença constante da sombra do imperador.

Por fim, o livro de Mary del Priore é instigante e provocativo, pois problematiza os limites entre a verdade e a dúvida. Os momentos de incerteza são sempre sinalizados para o leitor através da utilização de expressões como "provavelmente", "talvez", "pode-se presumir". Mas de que maneira? Depois do casamento, na noite de núpcias, "*não se sabe se Isabel e Gastão estavam informados de seus respectivos papéis. É provável que explicações*

discretíssimas tenham escapado dos lábios de Barral".[12] E depois de casada, apresentando dificuldades para engravidar, o jornal *A República* comenta sobre a esterilidade da princesa, mas como afirma a autora "*terríveis palavras que não se sabe se a princesa leu ou não".* Nota-se uma integração de realidades e possibilidades que, por sua vez, não significa uma contraposição entre o "verdadeiro" e o "inventado". Assim como o romancista ou o cineasta, a historiadora também utiliza-se da imaginação e da hipótese, sem deixar especialmente de explicitá-las ao leitor e balizar esta postura pelas fontes disponíveis.



12 *Idem,* p. 67.